

## MISTIFICAÇÕES BIOGRÁFICAS EM LITERATURA

João Soares Lôbo

### I

#### *A Opiomania de Camilo Pessanha*

Na sua novela "O Cego de Landim", Camilo Castelo Branco diz:

"A história dos homens descomunais deve começar a escrever-se à lâmpada do seu túmulo. À luz da vida tudo são miragens nas ações dos heróis e estrabismos na contemplação dos panegiristas."<sup>(1)</sup>

Esta afirmação do maior novelista de língua portuguesa, no consenso de todos, nos levou ao propósito de chamar a atenção ou despertar a curiosidade e a paciência dos pesquisadores vocacionados a respeito de alguns pontos obscuros ou mal observados por biógrafos que se tornam, mesmo sem o querer ou talvez levados pela superficialidade ou ainda afetados pelo estrabismo involuntário de que fala Camilo, em muitos casos, provocados pela ofuscante luz da vida, ou mesmo pela própria bruxuleante lâmpada tumular. Acontece por vezes

---

(1) BRANCO, Camilo Castelo. *Novelas do Minho* — Obra Seleta — Organização, seleção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho, Rio, Ed. Aguilar, 1960.

alguns escritores e poetas circundarem-se, logo em vida, ou mesmo após, de uma auréola que prejudica a visão de biógrafos e críticos. E cria-se o mito, esse "nada que é tudo", e que "se escorre a entrar na realidade e a fecundá-la decorre", enquanto "em baixo, a vida, metade de nada, morre",<sup>(2)</sup> como diz Fernando Pessoa, no poema "Ulisses", do seu livro *Mensagem*. E o mito, após criado, às vezes um risível bezerro de ouro, recebe culto e templo e consagração e respeito ou, quando menos, silêncio, que é um modo sutil, senão cômodo de temer.

Autores há, cuja arte sofre o desprestígio e o desrespeito que suas biografias provocam. É o caso, por exemplo, de Bocage, entre tantos outros, cuja lírica maravilhosa tem sido relegada a injusto descaso, afora aqueles sonetos de contrição perfeita, que a "santa" inquisição inspirou e alguns talvez bem intencionados novos inquisidores se encarregaram de pôr em evidência com esmerado zelo. São os famosos sonetos contraditórios em quaisquer antologias, geralmente organizadas sob os auspícios ou o olhar vigilante da Igreja de Cristo, sonetos em que o próprio poeta, coitado, confessa, ao escrevê-los, que já não é ele mesmo: — "Já Bocage não sou..." ou parodia: "Meu ser evaporei na lida insana..." Perdeu-se-lhe o respeito biográfico e cultivou-se o mito, não digo caricaturesco, mas teratológico, demoníaco, criador de versos indecorosos e anárquicos, para, no final da vida, ser acolhido no seio-de-Abraão artístico, tão só pelas obras-primas dos "sonetos ditados na agonia", sem passar pelo purgatório das "duras, cavernosas fragas", sem as "ânsias terríveis, íntimos tormentos"; sem constatar que "Há um medonho abismo onde baqueia a impulsos das paixões a Humanidade"; sem protestar: "Não sou vil delator, vil assassino, ímpio, cruel, sacrílego, blasfemo"; sem clamar: "Liberdade, onde estás? Quem te demora? Quem faz que o teu influxo em nós não caia?" Por aqueles sonetos apenas, e com a fama justificadora dos su-

---

(2) PESSOA, Fernando. *Obra Poética* — Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio, Ed. Aguilar, 1965.

plícios a que foi submetido "Dos homens o mais triste, e o mais amante, o cego adorador da formosura"<sup>(3)</sup> ficou parcialmente, mas em parcela considerável, prejudicado o lirismo exuberante e imenso do êmulo de Camões no soneto e na elegia, o que lhe constitui a maior glória e almejado prêmio, confesso desejo do grande poeta infamado como se fosse apenas exatamente aquele "ímpio, cruel, sacrílego, blasfemo" que ele, justa e vigorosamente, protesta não ser. A lâmpada mortuária, o estrabismo covarde e o vesano furor da perseguição inquisitorial prejudicou em muito a fama e a grandeza de que é digno em nossa pobre literatura portuguesa, exceto para uns poucos especialistas, o pobre Elmano Sadino da Nova Arcádia lusitana, cujo esguio monumento em Setúbal, sua terra natal, para além do Tejo, parece esperar ainda a justiça da crítica esclarecida e de uma biografia honesta.

Outro exemplo de malsinação biográfica é o próprio Camilo Castelo Branco, de quem se explorou tanto o aspecto dos amores irregulares que se chega a atribuir quase exclusivamente o sucesso do *Amor de Perdição* ao simples fato da sua prisão pelo rapto de Ana Plácido. Fosse ele um escritor medíocre e morreria morte literária precoce, preso à perdição desses amores.

E aqui vamos a uma ilustração que nos parece contundente:

Biografado: CAMILO PESSANHA. Biógrafo: JOÃO GASPAR SIMÕES. Obra: *Camilo Pessanha, a Obra e o Homem*. Capítulo XII — "ó morte, vem depressa".

Uma circunstância invulgar assinala o regresso definitivo de Camilo Pessanha a Macau. Ao dirigir-se para o navio que o levaria ao Oriente, acompa-

(3) De propósito nos cingimos à citação de poemas apresentados no magistral compêndio *A Literatura Portuguesa Através dos Textos*, do prof. Massaud Moisés, da Universidade de São Paulo. Ed. Cultrix, São Paulo, (s.d.). Nosso intuito é, no caso, homenagear o trabalho daquele mestre que foge às limitações a que aludimos nas antologias e por isso o adotamos como manual em nossas aulas de Literatura Portuguesa no Centro de Humanidades da UECE.

nhado dos amigos de tertúlia — Carlos Amaro e o engenheiro-agrônomo José Martins, entre outros — de bordo da fragata que o transporta, olha para o alto da amurada do vapor e julga-se na China. Dois navios alemães surtos no Tejo haviam sido apreendidos pelas autoridades portuguesas (Portugal acabara de declarar guerra à Alemanha), cuja tripulação era em parte chinesa. Do alto do transatlântico espreitava-o o Oriente, miragem do país que já era mais seu do que a terra que deixava. Olhou em roda e estranhou os amigos. Sem uma palavra, sem um gesto de adeus, *numa súbita euforia*, precipita-se para a escada do portaló e *desaparece no meio das cabecinhas amarelas. Com bilhete de 1ª ingressa, desvairado, pela 3ª dentro, confundindo-se com a multidão china. De fato, já não pertenciam ao lado de cá. Estava inteiramente do lado de lá. O "abismo" oriental tragara-o e ia devorá-lo para sempre.*(4)

Que idéia nos fica de semelhante página biográfica do prolífico polígrafo lusfada, senão a de uma identificação total do poeta biografado com a civilização chinesa, com o país "que já era mais seu do que a terra que deixava?" Sem intenção de faltar ao respeito que nos deve merecer o conceituado biógrafo do poeta da *Clepsidra*, parece-nos incidir na mesma pecha que ao depoimento de Alberto Osório de Castro atribui de "cores um tudo nada artificiosas"(5) e acusa, num golpe de misericórdia ao mesmo testemunho, na página 108, de — "tresandar a literatura".

Ora, é público e notório que o poeta em questão se tornara na China, em cuja civilização se inserira definitivamente, um opiômano irrecuperável, que, na oportunidade focalizada, estava de regresso ao Oriente, após longo tratamento em Por-

---

(4) SIMÕES, João Gaspar. *Camilo Pessanha, a Obra e o Homem*. Lisboa, Ed. Arcádia Ltda. (s.d.), p. 117, cap. XII (grifo nosso).

(5) *Idem*, *ibidem*, p. 101.

tugal da geral "astenia" provocada "pelo excesso de trabalho como professor, advogado, Conservador do Registro Predial, juiz",<sup>(6)</sup> mas especialmente pelo vício chinês. Por que então não esclarecer, sem desnecessária e dipnóica retórica, simplesmente o óbvio — que o poeta "com bilhete de 1ª, ingressa, desvairado, pela 3ª dentro" — no navio onde os "cabezinhas amarelas" poderiam fornecer-lhe a "divina droga" cuja falta em Lisboa o deixava "num estado de permanente inquietação, bebendo muito, exageradamente, a toda hora, para suprir a falta do ópio..."<sup>(7)</sup>

Ousamos, pelo exposto, afirmar que essa página biográfica sofre do "estrabismo" acusado pelo autor de "O Cego de Landim".

Nem vamos, por uma página, condenar um livro, incidindo talvez noutra tipo do mesmo defeito indigitado. Seria fácil defender o autor, apontando a ênfase que, *ad satiem*, os capítulos anteriores e posteriores dão ao vício do poeta. Mas isso mesmo nos parece outro despropósito biográfico, porquanto essa mesma mania do máximo simbolista português é uma informação biográfica apenas esclarecedora e talvez até encarecedora de sua extraordinária poesia em essência. O genial seguidor de Verlaine (*habitué* do absinto), desde os primeiros poemas, apresentava a fatídica tendência para a droga alucinatória, como se constata em "Lúbrica":

*Quando a vejo, de tarde, na alameda  
Arrastando, com ar de antiga fada,  
Pela rama da murta despontada,  
A saía transparente de alva seda.*

.....  
*Pela mente me passa, em nuvem densa,  
Um tropel infinito de desejos:  
Quero, às vezes, sorvê-la, em grandes beijos,  
Da luxúria febril na chama intensa...*

---

(6) Camilo Pessanha, *a Obra e o Homem*, p. 83.

(7) Idem, *ibidem*, p. 114.

.....  
*Entrever, sobre fundo esvaecido,  
Dos fantasmas da febre o incerto mar,  
Mas sempre sob a luz do seu olhar,  
Aspirando o frescor do seu vestido.*

*Como os ébrios chineses, delirantes,  
Respiram, a dormir, o fumo quieto,  
Que seu longo cachimbo predileto  
No ambiente espalhava pouco antes...<sup>(8)</sup>*

A própria "Inscrição", escolhida pelo poeta, como bússola da sua obra, nos dá a orientação da sua estética visceralmente sonhadora e interiorizada, pela

...inadaptação à vida, a tendência ao devaneio, intensificada pela toxicomania, a fraqueza da vontade, a sensibilidade aguçada... numa poesia vaporosa, nostálgica, vagamente dorida, pessimista (no seu sentido transcendental).<sup>(9)</sup>

*Eu vi a luz em um país perdido.  
A minha alma é lânguida e inerte.  
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído!  
No chão sumir-se, como faz um verme...<sup>(10)</sup>*

Essa humildade total, esse desarme da "alma lânguida", cremos que impõe o mais profundo respeito... ainda mais quando do seu íntimo nos é dada a ventura de escutar a sinfonia inigualável de um poema verlainiano como o "Violoncelo", em que adensa a tragicidade apocalíptica da intimidade consigo mesmo e universaliza o sentimento profundamente humano:

---

(8) OSÓRIO, João de Castro. *Clepsidra e Outros Poemas de Camilo Pessanha*. Lisboa, Edições Ática, 1969, pp. 261-263 (grifo nosso).

(9) LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira*. Porto Alegre, Editora Globo, 1967.

(10) *Clepsidra e Outros Poemas de Camilo Pessanha*.

*Chorai, arcadas  
Do violoncelo!  
Convulsionadas,  
Pontes aladas  
De pesadelo...  
De que esvoaçam  
Branco, os arcos...  
Por baixo passam,  
Se despedaçam,  
No rio, os barcos.  
Fundas, soluçam  
Caudais de choro...  
Que ruínas, (ouçam)  
Se se debruçam,  
Que sorvedouro...  
Trêmulos astros...  
Solidões lacustres...  
— Lemos e mastros...  
E os alabastros  
Dos balaústres!  
Urnas quebradas!  
Blocos de gelo...  
— Chorai, arcadas  
Despedaçadas  
Do violoncelo.<sup>(11)</sup>*

Se, por um lado, o biografismo literário contribui sobremaneira, em muitos casos, a fornecer “informações elementares, externas, a título de situar a obra... no tempo e no espaço, informações, que, ausentes, podem prejudicar mais do que favorecer a tarefa analítica”,<sup>(12)</sup> é necessário ter em mente a observação de Saint Beuve a respeito do autor de *Mademoiselle de Maupin*:

---

(11) *Idem*, *ibidem*, pp. 237-238.

(12) MOISÉS, Massaud. *Guia Prático de Análise Literária*. São Paulo, Editora Cultrix, MCMLXIX, (s.d.), p. 49.

“Je n'irai pas chercher dans les oeuvres en prose, dans les romans de Théophile Gautier, son autobiographie précise: il pourrait la récuser, et trop d'art s'y mêle à tout moment à la réalité pour qu'on ose se servir sans beaucoup de précaution de cette cheflá”(13)

Há, pois, que usar muita precaução no aproveitamento biográfico para interpretação das obras literárias, como outro tanto de cuidado nas biografções mesmas, para não dar azo a desvios graves e desserviço na própria finalidade que justificam tais labores, por vezes insanos, a que nem sempre assiste aquela “intuição” pleiteada por Dámaso Alonso, confirmado por Fernando Pessoa entre as “cinco qualidades” para “o entendimento dos símbolos e rituais (simbólicos)”,(14) objeto da sua “Mensagem”.

Não impunemente enfrentaram tal problema muitos ousados aventureiros, sem o almejado sucesso, por lhes falecer fibra para:

...aparelhar-se do espírito de jornada, dispondo-se a uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela confissão das mais vividas emoções pessoais... (15)

como empreendeu a propósito de Graciliano Ramos o valente crítico Antônio Cândido.

Qualquer biógrafo que se preze deve encher-se de respeito e seriedade ante a “alma inerme” de Camilo Pessanha que desnuda uma dor alucinada, mesmo que seja pelo ópio.

---

(13) LIMA, R. A. da Rocha. *Crítica e Literatura*. 3.<sup>a</sup> ed. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1968, p. 173.

(14) Fernando Pessoa. Op. cit., p. 69.

(15) RAMOS, Graciliano. *Caetés*. 7.<sup>a</sup> edição. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1965.



da qual nos diz o seu íntimo amigo e apresentador entusiasta da obra já referida:

O muito que, moral e fisicamente, padeceu, parece exigido para a realização da mais profunda, abandonada e triste dor de um Poeta genial.<sup>(16)</sup>

E mais:

Assim, nas fronteiras em que a dor se torna o irremediável, e já nenhuma reação voluntária se concebe, a salvação pôde afirmar-se ainda, na Poesia, e culminando precisamente os momentos de máxima tortura.<sup>(17)</sup>

É o de que nos convence a meditação de um poema como "Branco e Vermelho", penúltima gota da *Clepsidra*, a roubadora dos momentos instantes da vida, poema que não resistimos à tentação de transcrever na íntegra, pois nos parece concebido no paroxismo alucinatório das invocadas cores do Poema Final:

*A dor forte e imprevista,  
Ferindo-me, imprevista,  
De branca e imprevista  
Foi um deslumbramento,  
Que me endoidou a vista,  
Fez-me perder a vista,  
Num doce esvaimento.*

*Como um deserto imenso,  
Branco deserto imenso,  
Resplandecente e imenso,  
Fez-se em redor de mim.*

---

(16) OSÓRIO, João de Castro. Op. cit., p. 113.

(17) *Clepsidra e Outros Poemas de Camilo Pessanha*, p. 114.

*Todo o meu ser suspenso,  
Não sinto, já, não penso,  
Paira na luz suspenso...  
Que delícia sem fim!*

*Na inundação da luz  
Banhando os céus a flux,  
No êxtase da luz,  
Vejo passar, desfila,  
(Seus pobres corpos nus  
Que a distância reduz,  
Amesquinha e reduz,  
No fundo da pupila.)*

*Na areia imensa e plana,  
Ao longe, a caravana  
Sem fim, a caravana,  
Na linha do horizonte,  
Da enorme dor humana,  
Da insigne dor humana...  
A inútil dor humana!  
Marcha, curvada a frente.*

*Até ao chão, curvados,  
Exaustos e curvados,  
Vão um a um curvados,  
Os seus magros perfis!  
Escravos condenados,  
No poente recortados,  
Em negro recortados,  
Magros, mesquinhos, vis.*

*A cada golpe tremem  
Os que de medo tremem,  
E as pálpebras me tremem*

*Quando o açoite vibra.  
Estala! E apenas gemem,  
A cada golpe gemem,  
Que os desequilibra.*

*Sob o açoite caem,  
A cada golpe caem,  
Erguem-se logo, caem  
Soergue-os o terror...  
Até que enfim desmaiem,  
Por uma vez desmaiem!  
Ei-los que enfim se esvaem,  
Vencida, enfim, a dor...*

*E ali fiquem serenos  
De costas e serenos...  
Beija-os a luz, serenos  
Nas amplas frentes calmas,  
Ó céus claros e amenos,  
Doces jardins amenos,  
Onde se sofre menos,  
Onde dormem as almas!*

*A dor, deserto imenso,  
Branco deserto imenso,  
Resplandecente e imenso,  
Foi um deslumbramento.  
Todo o meu ser suspenso,  
Não sinto já, não penso,  
Pairo na luz, suspenso  
Num doce esvaimento.*

*Ó Morte, vem depressa,  
Acorda, vem depressa,  
Vem-me enxugar o suor,*

Que o estertor começa.  
É cumprir a promessa.  
Já o sonho começa.  
Tudo vermelho em flor...

Esse poema, aos olhos de um biógrafo não míope, bastaria para dimensionar positivamente a visão transcendental da dor humana que sem dúvida a "divina droga" acentuou no poeta, dor que definira já como "falta d'harmonia" no soneto I do "Caminho", díptico inicial da *Clepsidra*, reconhecendo embora que "sem ela o coração é quase nada".<sup>(18)</sup> O estado de impregnação imponderável em que o poema foi concebido é mais que evidente, desde o ritmo e a repetição das mesmas expressões, que, aliás, lhe dão um extraordinário sabor de moderna perenidade, até a pervasão de confissões como "doce esvaimento", "todo o meu ser suspenso", "não sinto já, não penso", "pauro na luz, suspenso...", "que delícia sem fim" etc.

A dor humana é aí contemplada com aquela suprema ironia (em seu mais alto significado) que só os mais altos píncaros da filosófica visão do homem podem conceber. A gradação de adjetivos na quarta estrofe: — "enorme, insigne (clímax), inútil", exponencia a "distância" (altitude psíco-filosófica) desde onde a sua retina sobre-humanizada está contemplando a pobre humanidade sofredora, numa visão aterrada, e, se tremem as suas pálpebras (6ª estrofe) penalizadas, é ao estalejar do chicote sob que tremem e gemem, lá embaixo, seus míseros semelhantes, ante um sofrer e um pavor a que ele se conseguiu subtrair (artificialmente que o seja), cumprindo um fadário, uma "promessa" (10ª estrofe), de atingir o "tudo vermelho em flor", do "sonho", cujo único temor é que a Morte, adormecida, venha a frustrar com sua tardança. E justifica-se o temor, pois a culminância atingida, a promessa cumprida, atitude de alpinista ante a altitude alcançada, custou "o suor" do "extertor"...

---

(18) *Clepsidra e Outros Poemas de Camilo Pessanha*, p. 164.

Se Edmond de Haracourt mereceu lugar definitivo na literatura francesa pelo seu "Rondel de l'Adieu", que Wolfgang Kayser cita como exemplo e modelo do gênero, dando-lhe o epíteto de "célebre",<sup>(19)</sup> não nos resta escrúpulo em aceitar as afirmações de João de Castro Osório que poderiam a quem não lesse o poema que acima transcrevemos parecer exageradas ao enaltecer a obra de Camilo Pessanha que:

na Poesia Portuguesa, a de maior beleza, valor humano e altura, de todas as do Mundo, não teme confronto com nenhum outro.<sup>(20)</sup>

Lembrou-nos, a propósito, ter ouvido ao eminente mestre Vitorino Nemésio, comentando tese de quinhentas páginas para licenciatura do então bel. Arnaldo Saraiva, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1968, sobre Carlos Drummond de Andrade, invectivar severamente o apaixonamento do jovem licenciado pela obra do poeta, o que, se por uma parte era positivo, enquanto estímulo ao trabalho persistente e exaustivo, do que não restava dúvida, por outro lado poderia prejudicar a serenidade necessária a uma apreciação objetiva e científica, perspectiva fundamental em crítica literária. Em resposta, o não menos brilhante discípulo argumentava que até o início dos seus estudos universitários jamais tinha ouvido falar em Carlos Drummond de Andrade, interessado que estava na evolução da moderna poesia francesa. Foi então surpreendido por uma apresentação das mais elogiosas sobre o poema "A flor e a náusea" em um suplemento literário do *Figaro*, de Paris, dizendo ser o poema suficiente para colocar o autor ao nível dos mais importantes poetas no panorama da literatura mundial contemporânea. Daí

---

(19) KAYSER, Wolfgang. *Interpretación y Análisis de la Obra Literaria*. Versión española de María D. Mouton y V. Garcia Yebra. Madrid. Editorial Gredos, 1961, p. 119.

(20) *Clepsidra e Outros Poemas de Camilo Pessanha*, p. 14.

lhe nasceu o propósito de conhecer e estudar a obra do poeta que o envolveu e absorveu irresistivelmente. E que, se houvesse deslumbrado a sua visão objetiva de crítico, o próprio tempo e as gerações vindouras se encarregariam de corrigir, para menos, ou para mais — quem poderia dizê-lo? — a sua apreciação. Judiciosa resposta, pareceu-nos.

Outra não tinha sido a atitude tomada por Alessandro Manzoni ante a figura de Napoleão, ao perguntar se fora verdadeira aquela glória e subrogar “ai posteri l'ardua sentenza”...

Pois diante de Camilo Pessanha cremos já não caberem a dúvida e a expectativa. E, voltando ao biografismo caolho, que enfatiza pejorativamente ou fundamente penalizado a opiomania do grande poeta até ousaríamos afirmar: — se era necessário para tal obra e tal grandeza, bendito vício, o que nos deu tal artista! Do estudo comparativo dos biógrafos de Camilo Pessanha, ficou-nos a convicção do asserto de Ezra Pound, no seu *ABC da Literatura*, ao afirmar que “os poetas são as antenas da raça” e “A arte, como o radar... um verdadeiro sistema de alarma premonitório”. E mais sobre os críticos literários: “O mau crítico se identifica facilmente quando começa a discutir o poeta e não o poema”.<sup>(21)</sup>

## BIBLIOGRAFIA

- BRANCO, Camilo Castelo. *Novelas do Minho*. Obra Seleta — Organização, seleção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho. Rio, Editora Aguilar, 1960.
- KAYSER, Wolfgang. *Interpretación y Análisis de la Obra Literaria*. Versión española de Maria D. Mouton y V. Garcia Yebra. Madrid, Editorial Gredos, 1961.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira*. Porto Alegre, Editora Globo, 1967.
- LIMA, R. A. da Rocha. *Crítica e Literatura*. 3.<sup>a</sup> ed. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1968.

---

(21) POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. São Paulo, Cultrix, 1970.

- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa Através dos Textos*. São Paulo, Ed. Cultrix (s.d.).
- *Guia Prático de Análise Literária*. São Paulo, Ed. Cultrix.
- OSÓRIO, João de Castro. *Clepsidra e Outros Poemas de Camilo Pessanha*. Lisboa, Edições Ática, 1969.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio, Editora Aguilar, 1965.
- POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1970.
- RAMOS, Graciliano. *Caetés*. 7.<sup>a</sup> edição. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1965.
- SIMÕES, João Gaspar. *Camilo Pessanha, a Obra e o Homem*. Lisboa, Editora Arcádia Ltda.